

Análise das Interações Discursivas em uma Rede de Pesquisas em Educação Química: O ensino de Conceitos.

Karla F. Dias (IC); Lidiane de L. S. Pereira (PG); Claudio R. M. Benite (PG), Anna M. C. Benite (PQ)
anna@quimica.ufg.br

1 Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão LPEQI – Universidade Federal de Goiás (UFG)

Palavras Chave: *formação de professores de química, ensino de conceitos.*

Introdução

Em uma perspectiva sóciointeracionista, o ensino é concebido como atividade crítica. Sendo assim, o professor é considerado um profissional autônomo que reflete criticamente sobre a prática cotidiana para compreender tanto as características do processo de ensino-aprendizagem quanto do contexto em que o ensino ocorre atuando de maneira reflexiva sobre a sua prática¹.

Considerando que a educação é um meio de aproximação ciência-aluno, e que a interação reflexiva² sobre a prática pedagógica se caracteriza pela observação, análise e reflexão crítica conjunta, se torna evidente a importância do professor inserir-se em pesquisas e discussões teóricas sobre o ensino das ciências exatas e naturais. Dessa forma, a presente investigação objetivou analisar as interações discursivas acerca da temática “ensino de conceitos” no intuito de desenvolver a identidade docente de professores de química em formação inicial e continuada num ambiente de rede social.

Este trabalho configura-se como uma Pesquisa Participante, pois se apresenta como uma atividade integrada que combina *investigação social, trabalho educacional e ação*³.

Resultados e Discussão

Em uma rede de formação, os participantes através do diálogo estabelecido trocam vivências e conhecimentos se formando e contribuindo diretamente para a formação de outros. Cada professor com a sua contribuição específica: os professores que atuam na educação básica de forma a direcionar as necessidades formativas e os professores formadores sinalizando ações de formação inicial e continuada.

PF1: *“Nós pretendemos implementar ações que contribuam de fato tanto na Universidade quanto no ensino básico [...]”*

No que diz respeito à formação de professores, a discussão sobre os conceitos científicos são pertinentes. Dessa forma, através da fala de PM1 percebe-se a angústia de muitos educadores representantes da química:

PM1: *“Foi publicado em um jornal sobre como é que estão as condições de aprendizagem [...] o aluno reconhecer as ciências/química, porque eles tão sabendo cada vez menos sobre os conceitos que estudam [...]”*

A fala de **PM1** corrobora com resultados de Teixeira (2006)⁴ que, se temos uma teorização sólida do que são os conceitos científicos, teremos

mais subsídios para elaborar atividades que promovam o seu aprendizado.

A discussão sobre conceitos como rótulos se fez presente em uma das reuniões, isto é, a construção de generalidade a partir de casos específicos. Esta lógica é compartilhada por um número expressivo de professores, como:

PF3: *“[...] a categoria mamífero ela tem que ter uma característica específica que faz com que todos aqueles animais se enquadrem naquele conjunto mamífero, naquela categoria mamífero. Então é o quê? Qual é a característica específica? Tem que mamar, se não, não é mamífero.”*

PG3: *“[...] tem que ter um essencial né. Então a gente fala do mamífero né, tem que ter um fator essencial naquela palavra mamífero que vai permitir o quê? Classificar.”*

Há de se considerar que existem defensores da idéia de conceitos científicos como rótulos, pois estes são considerados como termos que nomeiam dados objetivos, fatos encontrados no mundo, alegando-se de que os conceitos estão no mundo real e não são idéias da mente dos cientistas⁵. Porém ao nos depararmos com objetos que para serem entendidos necessitam de mais que uma mera identificação de atributos, estaremos diante de uma tensão.

Conclusões

A linguagem mostrou ser o principal instrumento na mediação do conhecimento científico, já que é o próprio conhecimento. Neste ambiente a apropriação conceitual é socialmente construída, sendo a relação sujeito-objeto de conhecimento sempre mediada pelo outro, pelas práticas sociais e pela linguagem.

Agradecimentos

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás FAPEG, a Secretaria de Estadual de Educação de Goiás e ao CNPq.

¹ GÓMES, A.I. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, J.G.; PÉREZ GÓMES, A.I. Compreender e transformar o ensino. 4º ed. Artmed, 1998.

² SCHÖN, D.A. Formar professores como profissionais reflexivos. 1992. In: Nóvoa, A. Os professores e a sua formação. 3º ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

³ HALL, B. L. O saber como mercadoria e a investigação participativa. Perspectivas. Vol. IX n. 4, p. 395-410, 1979.

⁴ TEIXEIRA, F.M. Fundamentos teóricos que envolvem a concepção de conceitos científicos na construção do conhecimento das ciências naturais. Ensaio: Pesquisa em Educação em ciências, v. 8, n. 2, dezembro, 2006.